



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

BOLETIM

EXTRACTOS, DAS ACTAS DAS SESSÕES

Sessão de 10 de Julho

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Alberto Vieira Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

Foi resolvido agradecer ao Sr. Dr. Alberto Souto, Director do Museu Regional de Aveiro, a deferência de ter representado esta Sociedade nas homenagens prestadas ao Sr. Dr. Jaime de Magalhães Lima, nosso muito digno Sócio Correspondente.

O Sr. Secretário disse ter sido extinto o Pôsto Agrário de Guimarães. Resolvido pedir telegraficamente a sua reposição, por ser aquele pôsto de muita utilidade para a lavoura do Concelho.

Foi deliberado que o Sr. Tesoureiro organizasse o orçamento da Receita e Despesa, indispensável não só para a boa administração desta Sociedade, como também para, a seu tempo, documentar qualquer pedido ao Estado de participação na obra de conclusão do edificio da nossa sede social.

O Sr. Tesoureiro apresentou a nota do movimento relativa ao volume de «Homenagem a Martins Sarmento»:

145 exemplares oferecidos despenderam pelo correio.	488\$30
Com 122 exemplares vendidos fez-se uma despesa de	470\$00
	958\$30
Os exemplares vendidos produziram (1)	8.016\$00
Saldo liquido	7.057\$70

(1) Com os exemplares vendidos posteriormente a esta sessão, a receita atingiu a verba global de 9.972\$34. (N. da R.).

O Sr. Presidente comunica ter dirigido officios aos Srs. Directores das Casas de Portugal em Londres, Antuérpia, Bruxelas e Paris, solicitando-lhes a aquisição e expansão de alguns exemplares do volume de «Homenagem a Martins Sarmento».

O Sr. Director Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro presta contas das despesas feitas na Citânia de Briteiros com o subsídio do Estado, que era de 30.000\$00 esc., verificando-se que a importância despendida, até hoje, foi de 19.057\$75.

Sessão extraordinária de 9 de Agosto

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Alberto Costa, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Francisco Pereira Mendes, Alberto V. Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

O Sr. Presidente, referindo-se à data do falecimento do sábio Patrono desta Instituição, tem expressões de saúdade para a memória daquele que foi um dos maiores e mais brilhantes espiritos da nossa terra e do País, e comunica ter-se feito uma romagem a Briteiros e cumprido tôdas as cláusulas testamentárias da benemerita Sr.^a D. Maria de Freitas Aguiar Martins Sarmento.

Sessão de 15 de Setembro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Alberto Costa, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Francisco Pereira Mendes, Alberto V. Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

Foi indicada a conveniência de se proceder a urgentes reparações no edificio e em algum mobiliário.

Foi autorizado o Sr. Tesoureiro a alterar e modificar os seguros contra risco de incendio, relativos às propriedades da Casa, conforme julgasse mais conveniente.

De harmonia com a deliberação tomada na sessão

de 10 de Julho, relativa ao orçamento da Sociedade, o Sr. Tesoureiro apresentou a seguinte proposta:

Considerando que as receitas e despesas da Soc. M. Sarmento têm crescido consideravelmente, e que a administração desta Colectividade se torna dificultosa no regímen em que tem vivido, proponho que desde já entre em vigor o orçamento para o ano económico de 1934-35, de harmonia com as receitas que já foram cobradas e estão para cobrar e com as despesas que já foram satisfeitas e estão para satisfazer, conforme os elementos que colhi no respectivo livro do movimento da Tesouraria.

O orçamento apresentado, depois de discutido, foi aprovado por unanimidade, e resolvido publicá-lo no Boletim desta Revista, em fôlha destacada.

Sessão de 19 de Outubro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Francisco Pereira Mendes, Alberto Vieira Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

Havendo falecido a usufrutuária dos prédios legados a esta Sociedade e outras Instituições vimaranenses pelo Sócio benemérito Sr. Francisco Jácome, a Direcção resolveu esclarecer sobre o assunto o procurador da Sociedade, Sr. Francisco Faria, e pedir-lhe que junto das colectividades locais contempladas, procedesse à melhor liquidação destes bens. Sobre o mesmo assunto foi lida uma comunicação do nosso consócio Sr. Francisco da Silva Martins, que, na qualidade de inquilino com garantias especiais consignadas no testamento do referido Sr. Francisco Jácome, voluntariamente deseja aumentar a renda do prédio que habita e faz parte do legado.

Foram encarregados os Directores, Srs. Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro e Alberto Vieira Braga, de proceder à louvação das quintas do «Eirado» e de «Cima de Vila», propriedades que a Sociedade vai alienar em hasta pública, conforme deliberação tomada em sessão de 18 de Maio e autorização da Assembleia Geral de 21 de Junho.

Resolvido que o Sr. Presidente fôsse ao Porto conferenciar com o Sr. Marques da Silva, sobre o projecto da conclusão do edificio da Sociedade Martins Sarmento, obras a que a Instituição se obrigou pelo respectivo contracto com a Câmara Municipal desta cidade.

O Sr. Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro comunica ter realizado vários estudos preliminares sobre a exploração de água destinada ao abastecimento da casa do guarda da Citânia.

Quanto à nomeação do guarda, ficou encarregado o Director Sr. Francisco Pereira Mendes de solicitar do Ex.^{mo} Chefe do Distrito a colocação de um desempregado, por conta da respectiva verba do Estado.

Este mesmo Director ficou autorizado a adquirir alguns artigos de mobiliário destinados ao Salão Nobre, e que ali se tornam indispensáveis.

O Sr. Presidente, como Director dos Museus, foi autorizado a organizar a I parte (secção lapidária) do Catálogo Geral e a promover a sua publicação. A II parte (secções de cerâmica, metais, etc.) será elaborada após a ordenação metódica dos respectivos objectos expostos, logo que o orçamento disponha da verba indispensável à confecção de mostruários apropriados.

Foi admitido sócio o Sr. Coronel António Bivar de Sousa, de Alcobaça.

O Sr. Presidente, fazendo uso da palavra, disse:

Proponho que na acta desta sessão fique consignado um voto de profundo pesar pelo falecimento dos nossos consócios Drs. Manuel de Brito Camacho e Henrique Trindade Coelho. Ambos honraram esta Casa, proferindo aqui brilhantíssimas Conferências que ficaram na lembrança de todos, pela elevação intelectual e pela beleza incisiva do recorte literário. Escritores de mérito invulgar, ambos souberam honrar o seu País, não só no campo das Letras, mas igualmente no da Política e da Diplomacia. E' justo portanto que a Sociedade Martins Sarmento os recorde hoje com saudade, e, em honra da sua memória ilustre, aqui lhes deixe exarada esta homenagem singela, mas sentida e sincera.

Foi aprovada por unanimidade.

Sessão de 31 de Outubro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Alberto Costa, Francisco Pereira Mendes, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Alberto V. Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

O Sr. Presidente, usando da palavra, disse que tendo sido encarregados de promover a avaliação das propriedades rústicas denominadas do «Eirado» e «Cima de Vila», na freguesia de S. Salvador de Donim, os nossos colegas Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro e Alberto Vieira Braga, estes comunicaram que os respectivos peritos avaliadores consultados calcularam: para a quinta do «Eirado» o valor aproximado de 50.000\$00 esc., e para a quinta de «Cima de Vila», de 36.000\$00 esc.

Estas seriam, pois, as quantias que haviam de servir de base para a arrematação a efectuar entre os pretendentes à compra das ditas quintas, ou a maior oferta apresentada, no caso de ser superior, reservando-se a Sociedade o direito de retirar as propriedades da praça, caso as ofertas não atingissem o quantitativo fixado pela avaliação prévia.

Seguidamente, verificando-se que apenas uma proposta fôra recebida, pertencente ao Sr. Dr. João Antunes Guimarães, procedeu-se à abertura da mesma na presença do procurador do proponente, Sr. Francisco Faria, a qual era do teor seguinte:

! Ofereço o total de noventa mil escudos por todos os prédios, com os respectivos direitos e pertenças, que constituem as quintas do «Eirado» e «Cima de Vila», mas sob a condição de serem livres e alodiais. — Pôrto, 29 de Outubro de 1934. —
(a) João Antunes Guimarães.

Como esta oferta cobria o quantitativo fixado pela avaliação, a Direcção da Sociedade resolveu que, visto não poder ter lugar a arrematação pública, entre concorrentes, por se propôr apenas um, se fizesse saber ao Sr. Dr. João Antunes, que a Sociedade resolveva entregar-lhe as referidas propriedades.

Sessão de 3 de Novembro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Francisco Pereira Mendes, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Alberto V. Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

Pelo Sr. Presidente foi proposto um voto de sentimento pelo falecimento da Mãe do nosso ilustre Sócio Honorário Sr. Dr. Mendes Correia e Sogra do nosso ilustre Sócio Correspondente Sr. Dr. Artur de Magalhães Basto. Igualmente propõe um voto de sentimento pela morte da Mãe do nosso Sócio Correspondente Sr. Engenheiro Eduardo Silva. Aprovados.

Foi deliberado registrar na acta desta sessão a visita feita à casa do guarda da Citânia pelos Srs. Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Alberto Vieira Braga, A. L. de Carvalho e pelo Sr. Presidente, Capitão Mário Cardoso, os quais verificaram que a referida construção estava concluída, do que se deu conhecimento oficial à Direcção dos Monumentos Nacionais.

Sessão de 17 de Novembro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Drs. Augusto Ferreira da Cunha, Alberto Costa, Francisco Pereira Mendes, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Alberto V. Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

Para o efeito de se deliberar sobre a venda ou a conservação dos prédios legados por Francisco Jácome, que constituem a herança com que este sócio benemérito contemplou a Sociedade M. Sarmiento e outras colectividades desta cidade, reuniu a Direcção conjuntamente com os representantes das outras entidades interessadas na mesma herança, Srs. Presidente da Direcção dos B. V. de Guimarães, Presidente da Associação Artística Vimaranesa, Director do Asilo de Santa Estefânia e Ministro da Irmandade dos Santos Passos. Depois de discutido o assunto, foi deliberado fazer anunciar para venda os ditos pré-

dios, a fim de, em face das importâncias oferecidas, se decidir.

A Direcção resolveu editar a publicação de uma série de oito postais ilustrados, de propaganda dos seus museus e da Citânia de Briteiros.

Foi também resolvido officiar a alguns dos Representantes Diplomáticos acreditados no nosso País, solicitando-lhes a colocação gratuita de alguns exemplares do volume de «Homenagem a Martins Sarmento» pelas instituições científicas dos seus respectivos países.

Foi admitido sócio o Sr. Dr. António Crucho Dias, de Penedono.

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Constança Bandeira Guimarães, nosso Sócio Correspondente, ofereceu a quantia de 600 escudos para, a partir do ano de 1936 até 1947, se manter o prémio estatuído, denominado «Prémio Dr. Avelino Guimarães», de 50 escudos anuais, a distribuir na Festa do dia 9 de Março. Resolvido agradecer.

O Sr. Presidente comunicou que, juntamente com o Sr. Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, acompanhou à Citânia de Briteiros o Sr. Architecto Baltasar de Castro, Director dos Monumentos Nacionais do Norte, que se declarou inteiramente satisfeito com a conclusão da casa do guarda daquela estação arqueológica, considerando assim saldado o compromisso, tomado pela nossa Sociedade, da integral execução da obra. O mesmo Architecto prometeu interessar-se pela exploração da água necessária ao abastecimento daquela habitação, ficando o Sr. Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro encarregado de colher alguns elementos julgados indispensáveis para a elaboração do orçamento da despesa a efectuar com esse abastecimento. Para tal fim declarou o Sr. Baltasar de Castro existirem ainda cerca de 11.000 escudos da verba votada para obras na Citânia, conforme se verifica do final da acta da sessão de 10 de Julho.

Sessão de 6 de Dezembro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Francisco Pereira

Mendes, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro e A. L. de Carvalho, Secretário.

Pelo Sr. Presidente foi dito que assinara nesse mesmo dia com o Ex.^{mo} Sr. Dr. João Antunes Guimarães a escritura de venda das propriedades do «Eirado» e «Cima de Vila», sitas na freguesia de S. Salvador de Donim, e recebera daquele ilustre Consócio a importância de 90.000\$00 escudos, acrescida da quantia de 510\$00 escudos, relativa aos juros respectivos pelo tempo decorrido desde a aceitação da proposta até esta data, por expressa vontade do comprador. Mais declarou ter depositado a totalidade da importância (90.510\$00) na agência do Banco de Portugal, nesta cidade, à ordem da Sociedade Martins Sarmento, com o fim de, por intermédio daquela casa bancária, se adquirirem inscrições da Dívida Pública, conforme expressamente determinou a doadora, Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria de F. A. Martins Sarmento, no seu testamento, a fôlhas 15 e 15 v., determinação já transcrita na íntegra na acta da sessão de 18 de Maio.

O Sr. Presidente declarou ainda ter incumbido a citada agência do Banco de Portugal de adquirir títulos da Dívida Consolidada, até àquela quantia de 90.510\$00 esc., com o respectivo averbamento a favor desta Instituição. Sendo necessários para tal efeito alguns documentos legais, como — certidão de óbito da doadora, certidão do testamento na parte respectiva, certificado de ter sido satisfeita a contribuição de registo, etc., foi incumbido o procurador desta Sociedade, Sr. Francisco de Faria, de tratar de os obter no mais curto prazo.

Disse ainda o Sr. Presidente que o Ex.^{mo} Sr. Dr. João Antunes Guimarães se prontificara também a pagar metade da contribuição que, no ano corrente, incidiu sobre as propriedades vendidas.

Continuando no uso da palavra, o Sr. Presidente apresentou à sessão o caderno de encargos e planta-baixa da continuação das obras no edifício da sede social desta Instituição, que recebera do Architecto e nosso ilustre consócio, Sr. José Marques da Silva. Devidamente apreciados esses documentos, foram os mesmos aprovados, resolvendo-se iniciar tais obras o mais rapidamente possível.

Pelo mesmo Sr. Presidente foi em seguida apresentada a seguinte proposta:

Há 34 anos que o ilustre Architecto Ex.^{mo} Sr. Marques da Silva, pôs o seu grande talento de Artista de mérito à disposição desta colectividade, prestando-se a executar gratuitamente o projecto da fachada da nossa sede social e comprometendo-se a executar a planta do resto do edificio em ocasião oportuna.

Dificuldades económicas e vicissitudes de ordem vária fizeram com que os trabalhos, interrompidos desde o ano de 1907, data da inauguração do nosso Salão Nobre, só presentemente pudessem ter continuação.

De novo o benemérito Artista e nosso ilustre Sócio Honorário Sr. Marques da Silva se prestou a auxiliar esta Instituição, que tão assinalados serviços já lhe deve, executando a planta baixa, e em breve tempo os alçados do edificio completo.

Por tão manifesta e desinteressada boa vontade em bem servir a Sociedade Martins Sarmiento, proponho que na acta desta sessão fique registado um voto de louvor ao proficiente Architecto, que, com a elevação da sua Arte e da sua inextinguível competência, tanto tem honrado não só a terra vimaranense, mas o País inteiro. E que dos termos desta proposta seja dado conhecimento na íntegra a tão ilustre e prezado Consócio.

Sendo este voto aprovado por unanimidade, todos os Directores se congratularam vivamente por tão importante medida, que só foi possível ter realização devido à cedência à Câmara Municipal desta cidade, a título precário, do edificio do Largo de Martins Sarmiento, para a instalação provisória da mesma Câmara. Tal cedência, que provocou o aumento do subsídio camarário, estava aliás no espirito de Martins Sarmiento, que nas suas disposições testamentárias previra a hipótese de esta Sociedade não dispor de recursos imediatos para a manutenção e conservação daquele prédio. Verificam-se desta forma os benefícios que para as duas instituições trouxe a renovação do antigo contrato, realizada em novas bases. Há 24 anos que as obras do nosso edificio social estavam suspensas. Este facto da continuação de tais obras ficou assim registado, com o maior júbilo, na presente acta, sendo resolvido publicar imediatamente anúncios nos jornais locais pondo, pelo espaço de 20 dias, em arremata-

ção, a 1.^a empreitada dos trabalhos a executar. Resolvido também pedir à Ex.^{ma} Câmara a respectiva licença para a execução da obra.

Seguidamente, o Sr. Presidente comunicou ter ido à Citânia de Briteiros, acompanhado do Sr. Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro e de um representante da firma comercial Figueiredo, Pinto & C.^a, para fazer o estudo detalhado da captação e canalização da água para a casa do guarda da Citânia, e que desse estudo se deduzira serem necessários 18.000\$30 para tal obra. Neste sentido foi enviado um officio ao Ex.^{mo} Sr. Director dos Monumentos Nacionais do Norte, acompanhado de toda a documentação e informações necessárias, aguardando-se que S. Ex.^a estude tais documentos e proceda a um exame local para se pronunciar sobre a proposta.

Resolvido officiar às colectividades contempladas no testamento do falecido consócio Francisco Jácome dizendo-lhes da impossibilidade da venda dos prédios a que se refere a acta da sessão de 17 de Novembro findo, por os advogados consultados sobre o assunto serem de opinião que a venda contrariava as disposições do testador. E assim tais prédios teriam de ser mantidos na posse dos legatários e a sua administração entregue ao procurador da Sociedade, Sr. Francisco Faria, que gratuita e obsequiosamente prestará contas anuais às colectividades herdeiras.

O Sr. Presidente deu notícia de ter officiado em 22 de Novembro findo ao Ex.^{mo} Sr. Director Geral dos Monumentos Nacionais e ao seu Delegado no Norte e bem assim telegrafado ao ilustre Ministro das Obras Públicas, agradecendo a todos a verba de 20.000 escudos que no corrente ano económico foi votada para obras na importantíssima estação arqueológica da Citânia de Briteiros, cuja guarda, conservação e novas explorações estão a cargo desta Sociedade.

Pelo Sr. A. L. de Carvalho foi dito ter-se desempenhado da missão de representar a nossa Sociedade no acto da inauguração do novo edificio da Escola Primária da freguesia de S. Jorge de Selho, acto que decorreu com o maior brilhantismo e onde foi justamente lembrada a valiosa interferência que

neste importante melhoramento teve a Soc. Martins Sarmiento.

Por proposta do Sr. Presidente foi admitido sócio o Sr. P.^o Francisco Fernandes da Silva.

Pelo Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Director da Biblioteca, foi proposto que se officiasse ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Alberto Feio, ilustre Director da Biblioteca Pública de Braga, felicitando-o pela inauguração das novas instalações da referida biblioteca. Aprovado.

Finalmente, pelo Sr. Francisco Pereira Mendes foi comunicado que já havia adquirido para o Salão Nobre, um reposteiro de veludo, na importância de 1.429\$50, uma mesa de torneados para os Conferentes, na importância de 400\$00, e 11 cadeiras de couro, na importância de 1.620\$90, todos estes artigos de grande necessidade no referido Salão.

Sessão de 28 de Dezembro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Francisco Pereira Mendes, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Alberto Vieira Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

O Sr. Presidente propôs que ficasse consignado na acta um voto de pesar pelo falecimento do Sr. Adolfo Pinheiro Osório, Visconde de Arneirós, benemérito sócio desta Colectividade, à qual generosamente cederá o seu direito ao usufruto da casa do Largo de Martins Sarmiento, permitindo assim a possibilidade da cedência provisória da mesma propriedade à Câmara Municipal, com vantagens muito apreciáveis para a nossa Instituição e para a mesma Câmara. A este voto associaram-se todos os Srs. Directores presentes.

Foi lido o seguinte officio do ilustre Architecto Sr. Marques da Silva:

Acuso a recepção da estimada carta de V. Ex.^a, de 7 do corrente, que incluía o teor do extracto da sessão, de 6 do mesmo mês, da Direcção da digna Presidência de V. Ex.^a.

Quis V. Ex.^a, na sua benévola proposta, recordar os tempos

felizes em que, ao debutar duma carreira, a vitória se afigura cousa pouca, tantas são as esperanças e as ilusões.

Nesses momentos, que são sempre de triunfo, o espirito sente-se forte com o poder da juventude e não há precalços que surjam ou que sequer se adivinhem.

Foi nestas circunstâncias que, aí por 1898, tive a dita de entrar, pela primeira vez, na vetusta e heróica cidade de Guimarães.

Um vimaranense de alto espirito bairrista, que jámais poderei desassociar desses momentos, veio cruzar-se-me no caminho e, apertada a sequente amizade e eleito secretário da Soc. M. S., pôde levar-se a bom pôrto a parte construída do edificio social, que V. Ex.^a, ilustre Presidente, e seus preclaros colegas pretendem, com igual fé, continuar e concluir.

São decorridos, é certo, mais de três dezenas de anos, espaço de tempo grande, que passou veloz, e que, apesar de não poucas amarguras, algum consólo espirital me proporcionou; procurarei pois, corresponder ao entusiasmo de V. Ex.^a, senão com a audácia de outrora, pelo menos com o bom desejo de prestar o meu pouco valimento à ilustre Sociedade, justo orgulho da veneranda terra vimaranense.

Foi lido também um officio do erudito Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Braga, Sr. Dr. Alberto Feio, que é do teor seguinte:

Com o maior reconhecimento agradeço a V. Ex.^a as amabilissimas e inerecidas expressões que se dignou dirigir-me a propósito da inauguração das novas instalações deste estabelecimento. Na minha pequena esfera de acção, nada mais tenho feito do que cumprir o dever imposto a quem honestamente exerce uma profissão. São-me todavia particularmente gratas as saudações de V. Ex.^a, representante da mais ilustre corporação cultural da nossa nobilíssima provincia.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Ex.^a e à Sociedade a que dignamente preside o protesto da mais alta consideração, e, ao mesmo tempo, oferecer todos os préstimos deste estabelecimento.

Finalmente, o Sr. Presidente leu as seguintes palavras:

O «Diário do Governo», de 7 do corrente, insere a portaria do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, que manda entregar à Sociedade Martins Sarmiento a casa recentemente concluída na Citânia de

Briteiros, no custo da qual o Estado foi comparticipante, destinada à habitação de um guarda daquelas preciosas ruínas. E' do teor seguinte, que passo a ler: — DIARIO DO GOVERNO. II Série - Número 287. Sexta-feira, 7 de Dezembro de 1934. Ministério das Obras Públicas e Comunicações. Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Repartição Central. «Achando-se concluída a casa do guarda da Citânia de Briteiros, manda o Govêrno da República Portuguesa, pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, que a referida casa seja inaugurada e lavrado o auto de entrega à Sociedade Martins Sarmiento. Ministério das Obras Públicas e Comunicações, 3 de Dezembro de 1934. — O Ministro das Obras Públicas e Comunicações, Duarte Pacheco.»

Por virtude desta determinação vai o referido guarda ocupar, desde já, a casa que lhe é destinada, ficando a inauguração solene e comemoração do acto de posse para uma oportunidade que não se fará demorar. Não quero, todavia, e perante vós, que tão esforçadamente me tendes acompanhado na persistente e árdua campanha de bem servir a Colectividade cuja direcção nos foi confiada, deixar passar, na sessão de hoje, sem uma referência muito especial, êste facto que, na sua aparente simplicidade, é de uma transcendência e relêvo invulgares na vida espiritual e social da nossa Instituição.

Nos seus Mss. de 1876, conta-nos Martins Sarmiento que, em julho dêsse ano, as escavações da Citânia (iniciadas pouco antes) foram visitadas pelo Marquês de Sousa Holstein, então Vice-Inspector da Academia de Belas-Artes de Lisboa. E tão surpreendido e encantado ficou o ilustre visitante com a importância das ruínas, que logo «falou em convencer o Govêrno a fazer uma estrada para o alto, mandar um veterano guardar as antigualhas, etc.». E pediu licença a Sarmiento para apresentar uma Comunicação à Academia das Sciências, acerca dos trabalhos realizados. Decorrido algum tempo, mas ainda antes da Conferência Arqueológica de 1877, comunicava Sarmiento, em carta ao Prof. Pereira Caldas, que tinha lido no jornal *A Democracia* o resumo da exposição feita pelo Marquês à Academia, e que lhe dera na vista

o exagêro dos comentários sobre a importância das explorações efectuadas na Citânia. E acrescentava: «Se assim continuamos, os desgraçados que treparem o monte com as ideias e casteios no ar, que lhes sugerem tais descrições, têm de cair no maior dos desapontamentos». A extrema modéstia de Sarmiento, característica de todos os homens verdadeiramente superiores, ditava-lhe estas palavras. Porém, o entusiasmo de Sousa Holstein era tão justificado, que em breve chamava a atenção do País e provocava até, da parte do Govêrno, então presidido por Rodrigues Sampaio, uma portaria de louvor ao erudito vimaranense (21 de Agosto de 1876), pelos notabilíssimos trabalhos científicos iniciados na Citânia.

Se folhearmos, ainda, os seus Mss. de 1892, dezasseis anos volvidos sobre os primeiros alvoroços e entusiasmos, lêmos estas palavras de Martins Sarmiento, onde transparece já um pouco de melancolia desalentada: «Ainda me lembra que, ao subir comigo a costa, me preguntara (*o Sousa Holstein*) se eu desejava alguma honraria. Respondi-lhe... que respeitava todos os títulos velhos; os novos e adquiridos tinha-os em muito pouca conta». E algumas linhas abaixo, acrescentava: «...o maior favor que me podia fazer o Govêrno, se a Citânia tinha um valor histórico e nacional, era arranjar-me um veterano que me defendesse as velharias contra a gaiatada, que infestava o monte na minha ausência, e se entretinha em demolir o que lhe apetecia. Respondeu-me mais tarde que não era possível encontrar veterano que se sujeitasse à tarefa».

Em compensação de não ter conseguido do Govêrno o desejado guarda para a Citânia, insistiu, mais tarde, o Marquês de Sousa Holstein com Sarmiento, para que aceitasse a comenda da Ordem de Sant'Iago, mas o sábio recusou discretamente, dizendo, por gracejo, aos seus íntimos, que já não dispunha de lugar para a comenda, no coife dos diplomas.

Mais de meio século volvido, ainda o sonho de Martins Sarmiento era um sonho, ainda a estrada para a Citânia estava por cortar, e ainda as ruínas se encontravam à mercê do vandalismo e das depredações, sem um guarda que as vigiasse convenientemente.

A estrada, aberta em 1930 a instâncias da Sociedade Martins Sarmento, concluída e prolongada em 1932, devêmo-la aos esforços do benemérito amigo e Sócio honorário da Colectividade, Sr. Dr. João Antunes Guimarães, então Ministro do Comércio e Comunicações; a casa, que permitiu finalmente a permanência de um guarda na Citânia de Briteiros, devêmo-la não só às instâncias, mas ao concurso monetário da nossa Sociedade, nobremente auxiliada pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. É natural, portanto, que sinceramente nos orgulhemos hoje de ter contribuído com o nosso modesto mas inquebrantável esforço para a realização destas elevadas aspirações, que Sarmento não conseguiu ver satisfeitas, e que constituem a maneira mais eloquente de respeitar e continuar a obra imperecível do glorioso vimaranense. Eis a razão, caros colegas, por que não quis deixar passar em claro na acta da sessão de hoje este acontecimento, aparentemente simples e banal, mas, na essência, grande e meritório, da colocação de um guarda na Citânia de Briteiros.

A vigilância da Citânia, após a abertura da estrada que facilitou os meios de acesso àquela estação arqueológica, cada vez se impunha mais. Não vinham de hoje, infelizmente, os agravos constantemente cometidos contra a integridade das ruínas. Já Martins Sarmento se queixava da frequência dos vandalismos que, sem o menor respeito pelo seu trabalho, a ignorância do vulgo cometia, tanto na Citânia, como no Castro de Sabroso, como noutros locais de interesse arqueológico.

Por meados do ano de 1877, ao tempo dos primeiros reconhecimentos que precederam a exploração de Sabroso, anotava Sarmento no seu caderno diário: "Dentro de alguns anos não haverá ali um penedo, a não ser o da base do marco geodésico". Nesta previsão ainda Sarmento foi optimista, porque, mais tarde, nem esse penedo escapou à sanha destruidora, e hoje nem sequer sabemos onde foi o sítio do primitivo marco.

Em 1879, num dos seus melhores artigos sobre esta estação arqueológica, não menos notável que a de Briteiros, escrevia: "Um dos pedreiros que mais

implacavelmente tem trabalhado na destruição de Sabroso, onde a pedra é de excelente qualidade, disse-me ter achado umas cinco ou seis moedas na fenda de um laço de muralha que demoliu."

E mais adiante: "As estátuas de Sabroso não estão completas. (*Referia-se aos fragmentos de figuras votivas de pedra representando javalis, hoje no Museu da Sociedade*). De uma, resta apenas o focinho; da outra, muito mais grosseira, escapou toda a cabeça..... Do corpo nunca ninguém nos deu notícias. Sabe dele, decerto, a cunha do montante que destruiu alguns monumentos megalíticos, que parece ter havido dentro do recinto dos muros."

Por 1893, registava ainda nos seus manuscritos, a propósito da estátua colossal de Pedralva, hoje também ao abrigo do nosso Museu: "A sapata (*pedestal*) do *homem de pedra* de Pedralva, foi cortada com a maior sem-cerimónia pelo pedreiro Miguel Bonito, de Braga, que viu nela uma boa soleira."

E, em carta ao seu íntimo amigo, o notável epigrafista Padre Martins Capela, já um ano antes de falecer, em 1898, escrevia Sarmento, estas palavras, amargamente desiludido: "Os destroços que os vândalos têm feito na Citânia e em Sabroso, trouxeram-me alguns anos pouco menos de furioso. O meu furor foi abatendo, como todas as fogueiras; ficou-me só uma espécie de tédio por tudo isto que me cerca, esta anarquia e impunidade, sempre em maré crescente."

Se tal acontecia em vida de Sarmento, quando o sábio explorador tão frequentemente percorria e vigiava de perto as suas queridas ruínas, não é para surpreender que, em 1919, vinte anos após a sua morte, andasse ainda, dentro do recinto de Sabroso, um montante partindo pedra e destroçando os vestígios das milenárias ruínas, com a indiferença, se não com o consentimento da Comissão Administrativa da Câmara Municipal. Obstou à continuação do sacrilego vandalismo o Sr. Dr. João Antunes Guimarães, oficiando sollicitamente à Direcção da Sociedade Martins Sarmento, que, justamente pela falta de um guarda, estava na ignorância do que ali se passava.

Todos estes factos, e tantos outros que me

abstenho de citar, demonstram o quanto era de uma imperiosa necessidade um guarda na Citânia, como igualmente se impõe a colocação de outro na estação arqueológica de Sabroso, que, apesar das suas reduzidas proporções e de não falarem dela os curiosos, merecia a Sarmento uma atenção igual, se não superior à que lhe inspirava a Citânia.

A Sociedade Martins Sarmento tem a seu cargo, por disposição testamentária do erudito investigador vimaranense, confirmada em contrato público da Sociedade com a Câmara Municipal, a conservação das ruínas da Citânia. No desempenho desta árdua missão, dois problemas se impõem à sua responsabilidade — o problema turístico e o problema científico.

O primeiro pode considerar-se praticamente resolvido nas suas necessidades essenciais, com a actual facilidade de acesso ao monte e com a protecção efectiva da estação arqueológica. Na casa do guarda facultamos ao visitante menos esclarecido, pequenas memórias descritivas das ruínas, monografias, reproduções fotográficas, etc., que, de um modo sumário, mas com a indispensável clareza e concisa documentação bibliográfica, o elucidam sobre o que vai observando. Resta-nos, agora, activar a propaganda deste grandioso monumento, entre nacionais e estrangeiros, e promover frequentes excursões, de todas as classes sociais. ¿Que mais poderemos fazer, em matéria exclusivamente turística? Vedar as ruínas em todo o circuito explorado, e creio que pouco mais. Em algumas ruínas similares estrangeiras que visitei, nem tanto estava feito, apesar do seu justo renome e fama mundial.

Cientificamente, é indispensável continuar sem desânimo a exploração destas ruínas, que muitas surpresas ainda reservam e hão-de revelar aos estudiosos. Não uma exploração confusa e tumultuária, mas criteriosa, metódica e rigorosamente subordinada aos processos científicos actuais de escavação. Neste ponto apelaremos, abertamente, para a Direcção Geral dos Monumentos Nacionais, a fim de que anualmente faça incluir no orçamento relativo à conservação e restauro dos nossos monumentos, uma verba destinada a este monumento nacional que

é, sem dúvida, o mais completo protótipo da Cultura dos Castros galaico-portugueses, e um dos mais típicos e interessantes povoados primitivos da Península Ibérica. A velha Citânia mostra ainda inúmeros e palpáveis vestígios das suas ruínas, isentos da picareta do explorador, aflorando pelas vertentes do monte, aqui e além, numa enorme extensão, cujos limites é necessário precisar.

Mas, sob qualquer dos aspectos, turístico ou científico, — inculquemos sempre a Citânia como uma viva ressurreição do Passado, e não encaremos essa veneranda relíquia como uma ruína morta, somente aberta à meditação romântica das elites ou à fria lucubração dos sábios, e absolutamente vedada ao interesse popular. Ainda há pouco, o ilustre Director Geral de Belas-Artes do País Vizinho punha, na dedicatória lapidar de um volume de homenagem consagrado ao falecido Arqueólogo e excelso Director do Museu Arqueológico Nacional de Madrid: «José Ramon Mélida concebeu sempre a Arqueologia como alguma coisa de vivo e eterno, semelhante à própria Arte, e não como coisa morta, rotulada e catalogada friamente. Por isso a Espanha, ao perder Mélida, perdeu um dos seus mais preclaros artistas». Mas não só irmã da Arte, a Arqueologia é também um dos fundamentos da História e do culto do Passado. E, para que o povo aprenda a respeitar os monumentos do Passado, é necessário fazer-lhe compreender, pela escola, pelo folheto de vulgarização, pela propaganda activa na presença desses monumentos, as fortes e fundas raízes com que eles nos prendem ao Passado. Facultar e explicar a Citânia ao povo (o mais activo colaborador dos sábios, pelo culto fiel das tradições, pelos interessantes elementos que fornece aos estudos etnográficos, com seus costumes, seu folclore, sua coreografia, etc.) é, portanto, o principal dever de uma Sociedade, que se intitula «promotora da instrução popular» neste Concelho.

A casa do guarda da Citânia, cujo interessante projecto foi realizado na Direcção dos Monumentos Nacionais do Norte, segundo as indicações e responsabilidade do competentíssimo Arquitecto Sr. Baltasar

de Castro, é um pequeno edifício, simples e sóbrio como convinha, mas esteticamente perfeito, e que de modo algum destoava, nem é profano no ambiente das ruínas. O local, por S. Ex.^a ponderadamente escolhido, foi também o mais próprio para o guarda poder exercer a vigilância de que está incumbido. Já, em tempos, a Citânia teve um pseudo-guarda, se tal se podia chamar a um indivíduo que exercia conjuntamente outra profissão e residia em Briteiros. Pela impossibilidade de cumprir as suas atribuições, vivendo longe do local onde elas o chamavam, foi naturalmente extinto o cargo, que só representava um mero favoritismo. De resto, quem visitar outras ruínas idênticas, Numância, por exemplo, no cêrro de Garray, junto a Sória, o celebrado *oppidum* da velha Celtibéria, cuja localização e exploração tanto renome deu ao sábio Professor Schulten, e que tem uma importância histórica e arqueológica incomparavelmente maior do que a nossa Citânia de Briteiros — lá encontra, em pleno coração das ruínas, a casa do guarda (aliás, no exemplo citado, uma construção banal), porque é ali, e não longe dali, que ele pode e deve exercer a sua vigilância.

Como se depreende das considerações que acabo de fazer, é lícito afirmar, com desasombro e sem exagero, que *nunca* a Citânia de Briteiros esteve tão cuidada e venerada como agora. Pode, sem receio, dizer-se que, desde o Congresso de Antropologia e Arqueologia pre-histórica, de 1880, não mais a imprensa portuguesa se ocupou com elevação, interesse e conhecimento, das ruínas da Citânia de Briteiros e da sua importância científica e turística. Sabroso estava convertido, há meia dúzia de anos, num mata-gal bravo, onde não podia entrar-se, e os vestígios do castro completamente perdidos; que o diga o nosso Ex.^{mo} Colega na Direcção desta Sociedade, Sr. Dr. Ricardo Freitas Ribeiro, que as obras ali realizadas, por iniciativa da Instituição, se devotou inteiramente. Hoje, a área de Sabroso está perfeitamente demarcada, as ruínas limpas e o castro servido também por uma esplêndida estrada, que só espera a sua ligação directa com a da Citânia, por um pequeno troço.

Com a sua incessante actividade se tem prestigiado assim a Sociedade Martins Sarmento; e a Obra científica do sábio vimaranense, patrono imorredoiro da Casa, ressurgindo do esquecimento a que foi votada após a sua morte, tem sido por nós dignificada, exaltada e gloriificada publicamente, pois para ela chamamos a atenção do País e do estrangeiro. Alguns dos que, apesar disto, por espírito de maledicência e depreciação, ou por ignorância, dizem que a Citânia está ao abandono, e propõem alvitre para o seu melhoramento, talvez há pouco tempo não soubessem sequer onde a Citânia ficava. Infelizmente, há ainda muitas pessoas de Guimarães, aqui residentes toda a sua vida, e mesmo pertencentes às chamadas classes cultas, que, por evidente desinteresse, nunca visitaram a Citânia, nem os Museus notabilíssimos da Sociedade Martins Sarmento! Mas essas pessoas são precisamente as mais prontas a criticar o trabalho alheio, por mais consciencioso e competente que este seja, a dar alvitre e propor soluções, aliás sem originalidade e que ninguém lhes pediu, mas que reputam sempre as melhores.

Caros Colegas: A nossa passagem pela Direcção da Sociedade Martins Sarmento não terá a duração e a sequência que são indispensáveis para a realização de qualquer obra verdadeiramente grande e solidamente estabelecida. Mas o pouco que já realizámos, quando um dia fôr serenamente analisado pelos que vierem depois de nós, e à distância precisa dos acontecimentos, não poderá deixar de ser reconhecido como trabalho útil e honestamente praticado. Prossigamos, pois, confiadamente, no nosso caminho, que não vamos por vereda errada.

Em seguida o Sr. Presidente apresentou o projecto das Instruções a observar pelo guarda da Citânia de Briteiros, que passamos a transcrever:

«Compete ao guarda da Citânia de Briteiros:

1.^o) — Residir permanentemente na casa destinada à sua morada, que manterá no mais rigoroso estado de limpeza, e nunca se afastar do recinto das ruínas,

excepto nos dias abaixo designados, em que terá de deslocar-se para o castro de Sabroso, deixando na Citânia pessoa idónea de sua família, e *sempre a mesma*, que o substitua nas funções de guarda.

2.º) — Acompanhar os visitantes no percurso das ruínas, abstendo-se *absolutamente* de emitir quaisquer explicações sobre a origem destas, povos que as habitaram, etc., limitando-se, neste ponto, a informá-los de que tem à venda monografias e folhetos sobre o assunto, editados pela Sociedade Martins Sarmento, e que no Museu desta Instituição, em Guimarães, se encontram expostos todos os objectos recolhidos nas escavações da Citânia.

3.º) — Não consentir que os visitantes procedam a qualquer ligeira escavação ou pesquisa, nem retenham em seu poder qualquer objecto, seja de que natureza for, que casualmente encontrem no recinto das ruínas.

4.º) — Não consentir que os visitantes tomem qualquer refeição no recinto das ruínas.

5.º) — Não permitir a entrada de gados na área das ruínas.

6.º) — Não permitir o exercício da caça na área das ruínas, nem tampouco a entrada ali de caçadores armados de espingarda ou acompanhados de cães.

7.º) — Proceder diàriamente à limpeza e conservação das ruínas nos locais onde ela se torne mais urgente.

8.º) — Não dar nem vender qualquer objecto encontrado por si ou apreendido a outrem no recinto das ruínas, que fará entregar, seguidamente ao seu aparecimento, ao Director do Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento.

9.º) — Enquanto não houver um guarda permanente no Castro de Sabroso, efectuar, todas as segundas-feiras, uma visita àquela estação arqueológica, onde se manterá todo o dia, se necessário fôr, procedendo ali a qualquer arranjo, ou limpeza que reputar mais urgente, e dando conhecimento à Direcção da Sociedade de qualquer facto anormal que observe, ou da necessidade de qualquer obra de maior vulto para a boa conservação daquelas ruínas.

10.º) — Usar diàriamente a farda do modelo que lhe é exigido, e pela qual os visitantes o reconheçam facilmente como guarda das ruínas.

11.º) — Prestar trimestralmente contas à tesouraria da Sociedade Martins Sarmento, das publicações e postais ilustrados vendidos na Citânia, sobre a qual venda perceberá a importância de 10 %.

12.º) — Tratar os visitantes com toda a urbanidade e deferência e não exigir deles qualquer paga ou gratificação por os acompanhar, limitando-se a perceber o ordenado que lhe fôr atribuído.

13.º) — Participar imediatamente à Sociedade Martins Sarmento a desobediência de quemquer às prescrições estabelecidas nos artigos 3.º, 4.º, 5.º e 6.º dêste Regulamento.

A falta de observância de qualquer destas disposições implica a imediata demissão do guarda."

Devidamente discutidas e apreciadas, foram aprovadas estas instruções, resolvendo-se que ficassem patentes num quadro, na casa do guarda.

O Sr. Presidente declarou ainda que se encontraria pronta, dentro em pouco, a colecção de oito postais ilustrados, para serem vendidos pelos guardas da Citânia e do Museu da Sociedade. A edição é de 8.000 exemplares. Foi resolvido que êsses postais se vendessem ao preço de 50 centavos cada, e de 3\$50 as colecções completas.

A. L. DE CARVALHO

1.º Secretário da Direcção.